

nos sonetos ilustrados de Suassuna e procura chamar a atenção para questões tipográficas a partir do Alfabeto Sertanejo. Referenciais utilizados numa obra que se quer armorial, ao menos no entendimento de Suassuna.

3. O Alfabeto Sertanejo e as fontes inspiradas em ferros de marcar

Após uma aproximação à vertente visual do armorial de Ariano Suassuna através de suas iluminogravuras, chega-se a ao seu 'Alfabeto Sertanejo' (3.4), um projeto tipográfico inspirado em 'ferros de marcar' paraibanos. Trata-se de um elemento visual tido por este escritor como de grande importância para sua arte armorial, encontrado em suas ilustrações e fio condutor deste capítulo. Pretende-se a partir deste mote, o estudo da trajetória do desenvolvimento de distintas propostas de fontes tipográficas inspiradas em 'ferros de marcar' boi do sertão do Nordeste do Brasil na história recente, todos a partir da concepção original de Suassuna.

O capítulo começa com a descrição e um breve histórico dos 'ferros de marcar' (figura 102), seguido de comentários a respeito do caráter heráldico desta manifestação cultural. Logo após, descreve-se o desenvolvimento de um primeiro projeto realizado por Ariano Suassuna na década de 1970, o 'Alfabeto Sertanejo'. Após estudar o desenvolvimento de um projeto de fonte digital inspirado no projeto de Suassuna, a Fonte Tipográfica Armorial ou 'Tipografia Armorial' (3.5), são também analisadas outras propostas de fontes tipográficas inspiradas em ferros de marcar, com características projetuais diferentes.

Para manter este capítulo fiel ao seu objetivo, tanto o desenvolvimento da fonte tipográfica de Virgílio Maia (3.6.2), integrante do Movimento Armorial e estudioso desta manifestação cultural com ênfase nos 'ferros' típicos do Estado do Ceará (ver introdução), como a proposta tipográfica armorial da fundição digital pernambucana 'Tipos do Acaso' (3.6.1), são expostas de forma abreviada. Completando a lista de projetos que recebem destaque neste trabalho, é apresentada também uma adaptação do projeto tipográfico de Suassuna, a fonte 'Sertões' (3.6.3), desenvolvida para integrar a identidade visual de um projeto cultural universitário e destacada na 8ª Bienal Brasileira de Design Gráfico (ADG/Brasil).



102. Exemplo de ferro para marcar gado (século XVIII /XIX): ferramenta utilizada para marcar o animal com o símbolo correspondente ao seu proprietário.

É também objetivo deste capítulo explorar projetos de design relacionados ao Movimento Armorial no qual fontes tipográficas inspiradas na concepção original de Suassuna foram utilizadas. O capítulo é finalizado com alguns comentários críticos a respeito de diferentes projetos de fontes tipográficas criadas com este tipo de proposta.

3.1. O que é ferro de marcar?

Para apresentar um histórico e analisar fontes tipográficas com estética inspirada em ‘ferros’, é importante que se faça primeiro uma aproximação ao elemento inspirador das fontes tipográficas: os ferros de marcar boi (figura 102).

Os termos ‘ferro-de-marcar-boi’ ou ‘ferro-de-marcar’ se referem à ferramenta utilizada para marcar o gado com o símbolo correspondente ao seu proprietário, normalmente um símbolo com desenho filiforme, em razão da necessidade de não estragar a pele do animal. Os ferros, enquanto sinalização, devem permitir rápida identificação por parte do observador. Maia (2004) explica que “do lado direito do bovino é colocado o ferro do proprietário. Do lado esquerdo se coloca o ferro da ribeira, a bacia hidrográfica onde a sua fazenda está assentada”. A marca é obtida através do contato desta ferramenta em brasa com o couro do animal.

Já o vocábulo ‘ferro’, como alguns dicionários também admitem, tem neste contexto o significado de marca feita no gado com um ferro em brasa, sendo também um termo empregado para se referir ao símbolo (figura 103). É importante deixar claro que estes termos normal-

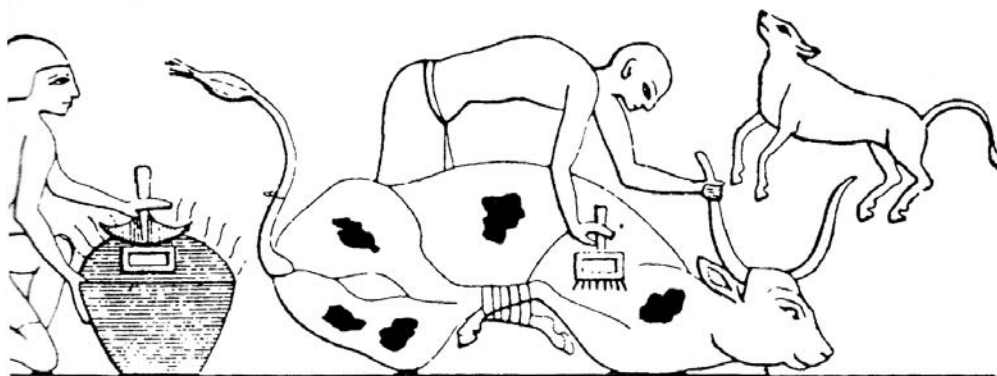


103. Representação do ‘ferro’ de Francisco Valle baseado em tipo da Fonte Armorial: a mesa do ferro é um tronco rematado em flecha em sua extremidade inferior. Na extremidade superior, uma haste se prolonga à direita, sendo rematada em meia-lua (que alude à letra inicial do apelido natural de Francisco em português). O ferro se completa com uma haste à direita, rematada em i aberto, que deixa em evidência a letra F.

mente se confundem no linguajar coloquial, sendo o seu significado destacado pelo contexto em que é empregado.

3.2. Breve histórico dos ferros

Marcar animais com instrumentos postos em brasa é uma prática ancestral, sendo impossível indicar a sua origem exata. Caprinos, bovinos e cavalos foram tradicionalmente marcados deste modo —além da técnica de marcar com um corte na orelha, de identificação mais eficiente em alguns casos, como no inverno rigoroso e em animais com pêlo longo (Mollerup, 1997). Maia (2004), descreve que a técnica de marcar animais com ferramentas de metal em brasa é comprovada primeiramente no Egito antigo através de imagens visuais representando animais sendo ferrados: antigas pinturas egípcias (figura 104), datadas de mais de quatro mil anos, registram dois homens executando a ferra (ato de ferrar), um deles esquentando a ferramenta e o outro aplicando a marca no animal adulto, imobilizado, sob o olhar de um angustiado filhote.



104. Pintura datada de mais de quatro mil anos, demonstra como se fazia a ferragem do gado naquele momento.

Como explica Maia (2004), se os registros mais remotos são do antigo Egito, há também registros desta prática na Grécia antiga, por meio de relatos encontrados em versos do poeta grego Anacreonte (que viveu de 582 AC a 485 AC); além de referências à ferra de gado nos versos do poeta romano Virgílio (70 AC a 19 AC). Posteriormente, esta prática se disseminou pelo mundo, manifestando-se de formas variadas segundo a cultura que absorveu a prática.

Para chegar ao Brasil, o caminho percorrido pelos ferros teria sido: Egito, Grécia, Roma, Península Ibérica e finalmente às Américas. Foi deste modo que as marcas de gado chegaram ao nosso país. Maia dá crédito também para o provável fato de que as primeiras reses trazidas pelos colonizadores portugueses já chegaram, ao Brasil, com suas marcas (2004).

A prática de marcar os bois difundiu-se no país principalmente no Nordeste e no Rio Grande do Sul. Inicialmente os registros das marcas eram feitos na Câmara Municipal de cada cida-

de. Hoje, as Secretarias de Agricultura, Pecuária e Abastecimento dos estados brasileiros têm (ou deveriam ter) um setor específico para registros de marcas de gado, reunindo milhares de brasões.

Fenômeno classificado por Mollerup (1997) como ancestral das atuais marcas comerciais, partem, segundo este autor, da necessidade e desejo humano de identificação social. Fundamentalmente, as marcas de gado são sinais de propriedade que têm a função de identificar e localizar o proprietário da rês. Porém, é relevante mencionar que com os ferros não se marca apenas o gado (figura 105). Com o tempo e de modo natural, estas marcas passaram a representar muito mais que um símbolo de propriedade e modo de identificação de gado ou objetos pessoais, tornando-se parte da cultura sertaneja, por suas características heráldicas e de design popular que serão mais detalhadas a seguir (figuras 106 e 107). Para dar um exemplo da magnitude do universo imagético contido nesta manifestação cultural, Maia (2004) comenta que o criador de ferros antigo não utilizava letras na idealização de sua marca, sendo esta uma prática do 'ferrador' já alfabetizado. Os demais "copiavam de um desenho rupestre, de um signo zodiacal, uma figura qualquer".



Exemplos da manifestação dos ferros da cultura material nordestina:

105. Símbolo de propriedade: a arca pertence a fazenda Acauhan.



106. Prato com ferro de João Suassuna. Hoje este ferro é usado por Ariano Suassuna.

107. Marca comercial de carvão vegetal que tem como símbolo um ferro.



3.3. Aproximação às formas básicas dos ferros sertanejos

A Heráldica é arte e a ciência que determina, produz e estuda os brasões, interpreta as origens e o significado simbólico e social da família, nação ou instituição (Tostes, 1983). O Escritor afirma que Gustavo Barroso (1888–1959), em 1912, foi o primeiro escritor brasileiro a chamar a atenção para a manifestação heráldica presente na prática de marcar o gado para identificação (1974b). Como comentado nos capítulos anteriores, a dimensão heráldica presente no ferros é de grande importância para um entendimento da proposta armorial de Suassuna.

Com relação ao caráter heráldico presente nos ferros, Suassuna (1974b) elucida que as ‘mesas’, formas básicas dos desenhos dos símbolos, são freqüentemente aproveitadas pelos familiares: acrescentando um ou outro elemento, as ‘divisas’, diferencia-se uma marca de outra dentro de uma mesma família, estabelecendo deste modo uma heráldica não oficial. A semelhança visual entre um conjunto de ferros de uma mesma família, aproxima-se do sentido de como uma ‘família de marcas’, no sentido contemporâneo de identidade visual, quando empresas possuem, em muitos casos, numerosas marcas comerciais que se relacionam (Mollerup, 1997).

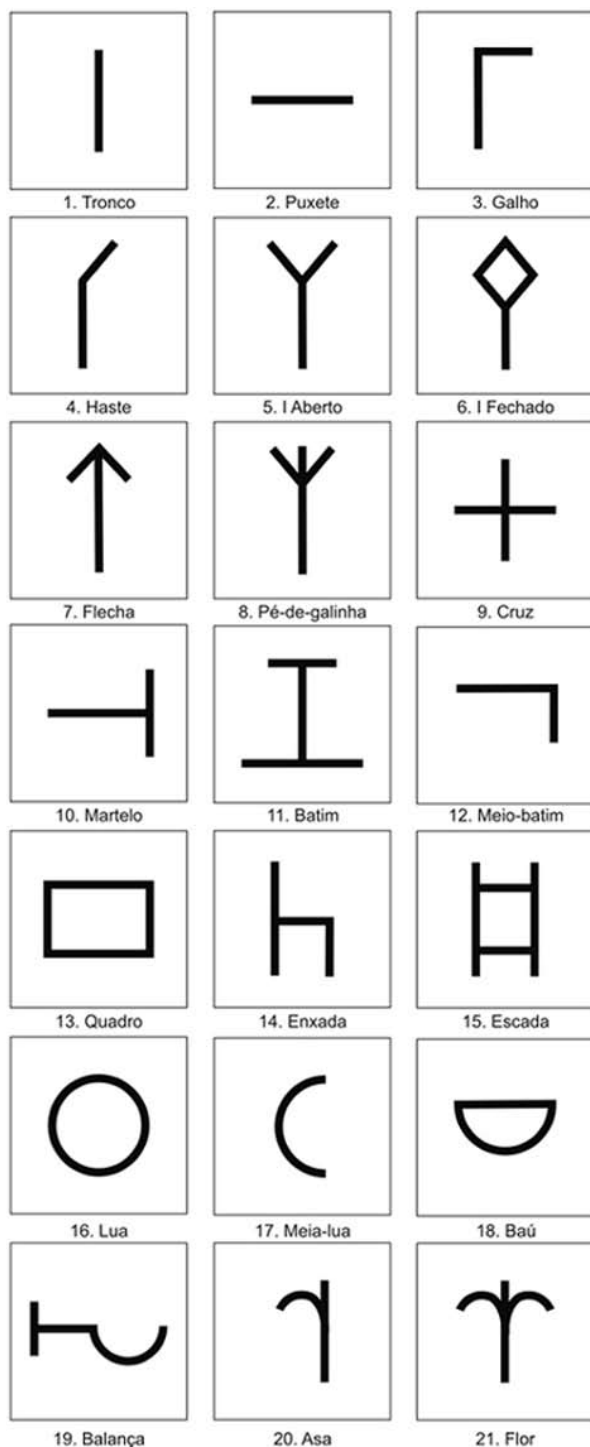
3.3.1. Dos símbolos à fonte tipográfica: o interesse de Ariano Suassuna pelos ferros

Artista plástico amador, como costuma afirmar, Ariano Suassuna conviveu com artistas plásticos e designers renomados, especialmente durante a existência do grupo O Gráfico Amador (1954–1961). E como foi mencionado, foi justamente durante sua participação no grupo pernambucano quando o designer Alosio Magalhães teria chamado sua atenção para os ferros como importante elemento de sua arte armorial (Suassuna, 1974b). Suassuna estudou a fundo as formas dos ferros sertanejos. Partindo do registro de vários ferros familiares feito por seu antepassado materno, Paulino Villar, um fazendeiro da região do Cariri paraibano no século XIX, o escritor relacionou algumas de suas formas básicas à simbologia antiga. A partir deste estudo de Suassuna foi possível elaborar um quadro (figura 108) com as formas básicas e a nomenclatura do ferros paraibanos. Já que Suassuna em seu livro não fez menção ao significado de todas as formas por ele expostas, foram acrescentadas ao quadro, explicações genéricas de Chevalier (2003).

Para o escritor, além do já comentado apego à mesa familiar, como acontece na heráldica tradicional, é importante que se leve em conta o significado intrínseco a cada forma elementar e sua denominação, que podem ser utilizados para fazer alusão a um determinado aspecto do proprietário da marca, configurando um processo de identificação, descrição e produção de valor simbólico, características das marcas comerciais (Mollerup, 1997).

Suassuna (1974b) expõe que o seu interesse pelas marcas de gado sertanejas e tudo mais que se relaciona à civilização do couro começou a se sedimentar em seu subconsciente desde muito cedo. Conforme o escritor, o termo ‘civilização do couro’ foi usado pela primeira

108. Formas básicas para a construção dos ferros sertanejos, segundo Suassuna.



A) Formas feitas a partir de linhas retas:

1. Tronco: linha reta vertical; na simbologia antiga representa o céu; a Divindade.
2. Puxete: linha reta horizontal; representa a terra.
3. Galho: soma de um puxete e um tronco; a união imperfeita entre o divino e o ser humano.
4. Haste: soma de um tronco e um puxete inclinado obliquamente.

5. I aberto: um tronco rematado por duas hastes inclinadas; a Trindade crista.

6. I fechado: tronco rematado por um losango, a lisonja, ornato em forma de losango, "símbolo feminino da heráldica tradicional" (Chevalier, 2003).

7. Flecha ou Chopa: tronco com duas hastes inclinadas para baixo.

8. Pé-de-galinha: tronco com duas hastes inclinadas para cima; o símbolo do Homem na simbologia tradicional.

9. Cruz: Um dos símbolos humanos mais antigo, representava a união perfeita entre o Divino, na linha vertical, e o mundano, na linha horizontal, ou a divisão do mundo em quatro elementos (ou pontos cardeais).

10. Martelo: um puxete rematado por um tronco. Está "associado a força brutal e primitiva" (Chevalier, 2003).

11. Batim: um tronco com um puxete maior embaixo e um menor em cima.

12. Meio-batim: puxete rematado por um galho.

13. Quadro: dois puxetes e dois troncos unidos pelos quatro vértices. Na franco-maçonaria o quadro, um tapete retangular, reúne os símbolos particulares do grau em um diagrama. "Uma vista panorâmica do esoterismo maçônico" (Chevalier, 2003).

14. Enxada: dois troncos e um puxando formando o perfil de uma cadeira.

15. Escada: dois troncos paralelos unidos por dois puxetes também paralelos.

B) Formas feitas a partir de linhas curvas:

16. Lua ou roda: o Sol da Heráldica tradicional.

17. Meia-lua: "suas duas características principais mais fundamentais derivam de um lado, de a lua ser privada de luz própria e não passar de um reflexo do sol; de outro lado, de alua atravessar fases diferentes e mudança de forma" (Chevalier, 2003).

18. Baú: ligado ao símbolo do cofre "tem por base dois elementos: o fato de nele se depositar um tesouro material ou espiritual, e o fato de que a abertura do cofre seja equivalente a uma revelação" (Chevalier, 2003).

19. Balança: "conhecida na qualidade de símbolo da justiça, da medida, da prudência, do equilíbrio" (Chevalier, 2003:113)

20. Asa: "símbolo de alçar vôo, [...] de desmaterialização, de liberação" (Chevalier, 2003:90)

21. Flor: "embora cada flor possua, pelo menos secundariamente, um símbolo próprio, nem por isso a flor deixa de ser, de maneira geral, símbolo do princípio passivo. Chevalier, 2003).

vez pelo historiador cearense João Capistrano de Abreu (1853–1927). Ele conta que sua curiosidade intelectual pelo tema despertou ao ler em 1943 um livro em que Gustavo Barroso (1912) falava sobre os ferros. Suassuna conta ter-se sentido atraído pelo entendimento que este autor tinha desta manifestação sociocultural: Barroso analisava, então, as marcas familiares e as diferenças acrescentadas por cada descendente como elementos de uma verdadeira heráldica não oficial. Este interesse foi aumentando pouco a pouco, por conta de contribuições dadas por amigos ao longo de sua vida (ver capítulo 1), fazendo com que Suassuna estudasse a fundo as marcas de ferro do sertão do Cariri, a sua região de origem. Suassuna menciona Fernando José da Rocha Cavalcanti, além de Aloisio Magalhães, como um amigo que fomentou o interesse do escritor pelos ferros.

Do interesse antropológico e sociológico (comunicação, heráldica, etc.), aos poucos Suassuna passou a pesquisar as marcas com interesse estético: segundo o escritor, a heráldica sertaneja manifestada nos ferros foi um elemento de vital importância para chegar ao conceito de arte armorial (ver capítulo 1). Isto além do fato do vocábulo armorial, utilizado para batizar o movimento artístico que fundou, faz referência ao conjunto de emblemas e brasões de um povo. Conforme Newton Júnior (in: Maia, 2004), de acordo com o entendimento armorial, características heráldicas estão presentes em manifestações culturais essencialmente populares no país. Estariam elas presentes também nos ferros, podendo ser um ponto de partida como referência visual para os artistas desde Movimento, que pretende formar uma arte brasileira baseando-se em referências culturais do povo brasileiro.

Segundo Suassuna (1974a), a manifestação cultural dos ferros, confere ao sertanejo a glória de uma linhagem quase nobre, correspondendo assim a uma verdadeira heráldica popular, como já dizia Gustavo Barroso. Maia (2004) afirma que “os desenhos dos ferros familiares vão se alterando no decorrer das gerações. Cada filho que começa a criar gado vai acrescentando sobre a base imutável do ferro familiar, chamada mesa, as suas diferenças, chamadas de divisas. Em geral, o filho mais novo fica com a marca igual à do pai quando este morre”.

Como explica Newton Júnior, da mesma maneira que ferros novos surgem a partir das diferenças acrescentadas a um ferro anterior, os artistas armoriais poderiam se basear no rico acervo de desenhos e sinais dos ferros para criar novas formas, no campo da Gravura, da Pintura e das Artes Gráficas, de uma maneira geral (figura 109). Assim como os designers que por ventura desejem trabalhar com a estética proposta pelo grupo. Segundo este autor, deste modo, estes artistas estariam se vinculando a uma referência cultural anterior à chegada dos colonizadores europeus, já que “as origens de alguns desses sinais estão associadas às insígnias que os nossos mais remotos antepassados



109. LP do Quinteto Armorial (1978).

pintaram e esculpiram nas rochas que os sertanejos vão encontrar tempos depois, Sertão adentro” (in: Maia, 2004).

Em seus estudos (1974a), Suassuna encontrou semelhanças entre “as formas meio hieroglíficas dos ferros sertanejos mais abstratos” e determinados signos ligados à astrologia, ao zodíaco e à alquimia; e sugere que alguns dos primeiros fazendeiros podem ter escolhido para seus ferros os símbolos astrológicos de seus signos e planetas pessoais, além de grafismos rupestres, abundantes no Nordeste brasileiro. Além de introduzir o leitor nesse universo, o livro de Suassuna registra o quanto as marcas de ferrar podem servir de Fonte para diversos trabalhos no campo das Artes Plásticas.

3.4. O Alfabeto Sertanejo de Ariano Suassuna

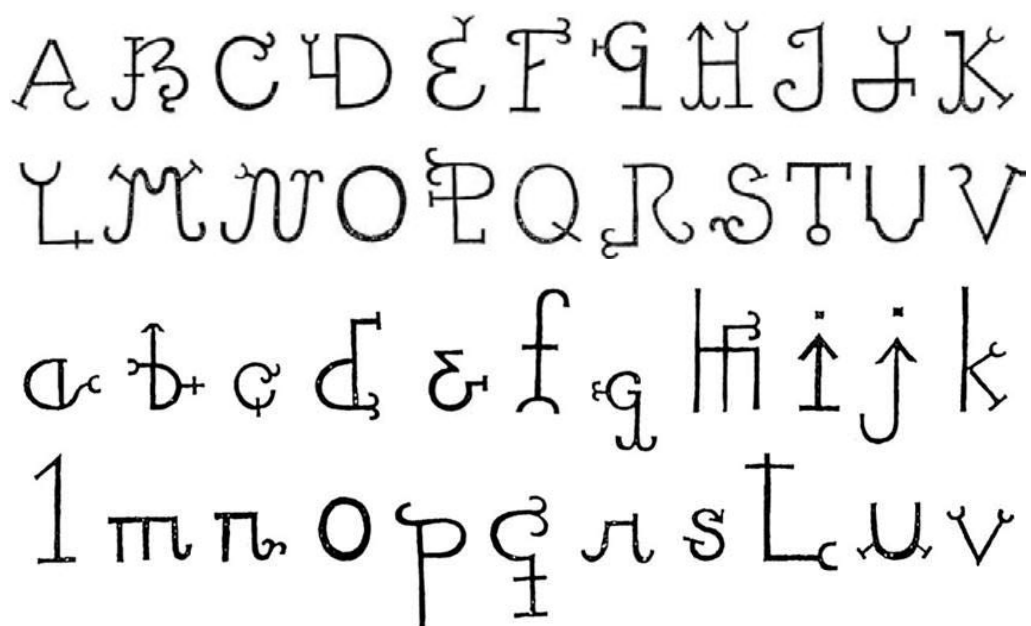
Um exemplo de objeto de Design criado em favor do Movimento Armorial e com características estéticas que se enquadram nos desígnios deste movimento é o Alfabeto Sertanejo. O Alfabeto Sertanejo é uma proposta de desenho de caracteres tipográficos inspirados em ferros de marcar-boi idealizado por Ariano Suassuna (figura 110). Este projeto foi desenvolvido a partir das marcas anotadas por Paulino Villar, um antepassado seu, em um livro de registro contábil. A idéia de desenvolver este Alfabeto Sertanejo se originou quando Suassuna percebeu que muitos dos ferros anotados por seu familiar representavam iniciais de nomes próprios ou familiares dos proprietários das marcas.



110 (A). Alfabeto Sertanejo desenvolvido por Ariano Suassuna a partir de símbolos encontrados em ferros-de-marcar da região do Cariri.

3.4.1. A construção do Alfabeto Sertanejo

Quando foi publicado o livro ‘Ferros do Cariri – Uma Heráldica Sertaneja’, em 1974 (a), o Movimento Armorial já havia sido lançado. Neste livro foi exposto pela primeira vez o Alfabeto Sertanejo, que nesta publicação de Suassuna aparece no papel da fonte dos caracteres capitulares.



110 (A). Alfabeto Sertanejo: comparação entre os caracteres minúsculos e maiúsculos, que são usados por Suassuna como capitulares em seu livro de 1974 (a).

Ao desenvolver seus caracteres, baseando-se nas formas dos ferros, Suassuna o fez de acordo com as diretrizes do Movimento do qual é protagonista: o escritor, exercitando sua faceta designer, realizou uma construção erudita a partir de fontes populares, os ferros de marcar sertanejos; o fez utilizando-se de elementos da cultura tradicional de herança ibérica, incluindo elementos de culturas brasileiras anteriores à chegada dos colonizadores portugueses, que é o caso da pintura rupestre. Outro detalhe que se enquadra no discurso do Movimento Armorial, com relação ao desejo de produção de valor simbólico (ver capítulo 1),

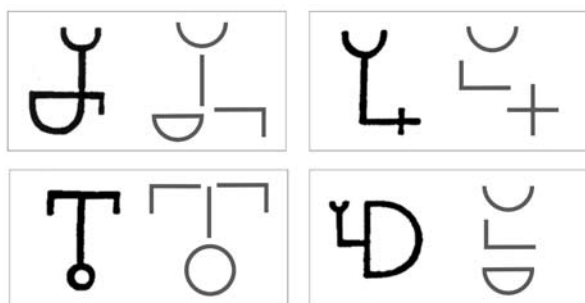


111. Exemplo de aplicação do Alfabeto Sertanejo.

é representado pela sua característica heráldica e uso de formas significantes que, conforme Suassuna, projetam uma glória quase aristocrática ao sertanejo possuidor de tal marca.

3.4.2. Aspectos da Alfabeto Sertanejo

Ariano criou um desenho de fonte tipográfica que inclui os caracteres maiúsculos e minúsculos. Com relação aos aspectos técnicos relativos ao campo do design, pode-se comentar que o desenho desenvolvido por Suassuna é de difícil legibilidade quando utilizada em textos longos —como quando empregada em alguns títulos mais extensos de suas iluminogravuras (ver capítulo 2). O resultado de sua aplicação é mais legível quando aplicada em títulos, cabeçalhos, capitulares ou textos curtos. Vale ressaltar que o Alfabeto Sertanejo é um projeto de fonte tipo display, sendo a adequação estilística o objetivo principal de uma família tipográfica pertencente a esta categoria, e não a boa legibilidade em textos longos.



112. Desconstrução de algumas letras do Alfabeto Sertanejo em formas básicas, segundo Suassuna: 'Jota' maiúscula composto por baul, meio-batim, tronco e meia-lua. 'Ele' minúscula por meia-lua, galho e cruz. 'Tê' maiúscula por dois meio batins, tronco e lua e 'Dê', por baú e galho. (Ver figura 108).

Uma virtude do Alfabeto Sertanejo se encontra na variedade de formas encontradas nos ferros incluídas no projeto: é notável o desejo de Suassuna em representar e abranger uma ampla variedade de formas características desta manifestação cultural na elaboração do desenho de seus caracteres. Em seu projeto pode-se visualizar a quase totalidade das formas dotadas de significados descritas no seu livro de 1974, e não se pode negar a boa aplicação em enunciações visuais próprias do Movimento Armorial. Pode-se constatar que das formas básicas de ferros expostas por Suassuna (em 1974), o 'pé-de-galinha' o 'i fechado', o 'batim', o 'quadro' e a 'escada' não foram exploradas no Alfabeto Sertanejo. A forma de 'asa' e 'flor', tampouco aparecem com sua forma completa e a 'flecha' aparece somente quatro vezes. A forma de 'meia-lua', no entanto, aparece pelo menos quatorze vezes (figura 108).

3.5. A Tipográfica Armorial

Mais de vinte anos depois do Alfabeto Sertanejo ter sido idealizado, os designers Ricardo Gouveia de Melo, Giovana Caldas e Klesley Bastos se basearam no projeto de Ariano para criar uma fonte tipográfica digital, a Tipografia Armorial (figura 112). O projeto foi realizado no final da década de 90, quando estes designers ainda eram estudantes, encomendado pela prefeitura da cidade de Recife, através do escritório de design Id. Comunicação Visual.

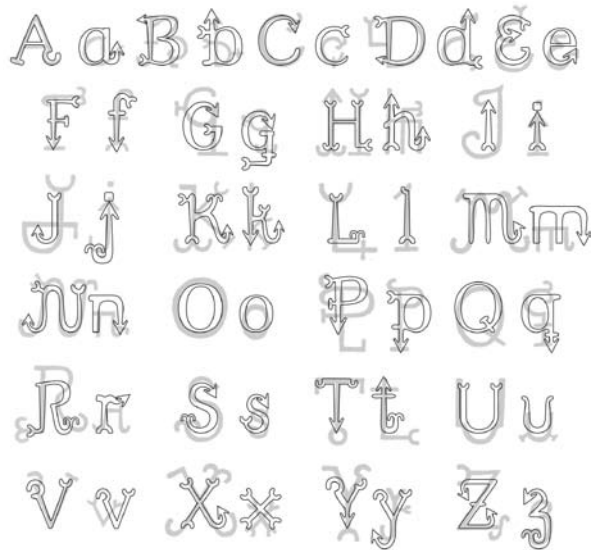


113. Fonte tipográfica armorial ou Tipografia Armorial.

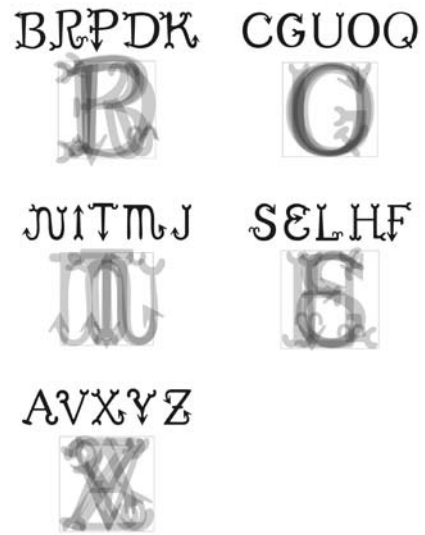
Segundo periódicos (*sites* n° 1 e 3), os designers tomaram conhecimento do Alfabeto Sertanejo ainda na segunda metade da década de 90, quando prestavam serviços para a Secretaria de Cultura de Pernambuco, ocupada naquele momento por Suassuna, através do já mencionado escritório de design (*site* n° 25). Ainda segundo estes periódicos, o objetivo da transposição do Alfabeto Sertanejo ao meio digital foi poder utilizar a fonte, batizada a partir de então de Tipografia Armorial, em peças gráficas diversas e projetos de design. Um dos seus primeiros usos se deu na vinheta do programa de televisão 'O Canto de Ariano', vinculado (2000) pela TV Jornal do Commercio, retransmissora da Rede Globo de Televisão em Pernambuco e pelo canal de Televisão Multishow Brasil.

Foi sobre o projeto anterior de Suassuna que os designers trabalharam para criar os tipos em formato digital. Contando com a ajuda do escritor para as alterações realizadas nos desenhos dos caracteres, os designers digitalizaram os caracteres do Alfabeto Sertanejo e deram início ao desenvolvimento da fonte tipográfica. O processo incluiu o estudo do espaçamento ideal entre os caracteres, a padronização de seus elementos, a relação de contraste entre letras maiúsculas e minúsculas e a definição de capitulares, pesquisando a legibilidade de diferentes alternativas. A tarefa envolveu não só um conhecimento técnico de tipografia, mas também uma intervenção criativa, no entanto, desde o início os designers estavam conscientes de que deveriam fazer mais ordenação do que uma recriação.

No traçado dos caracteres da Tipografia Armorial percebe-se um contraste entre as partes, ou seja, não se trata de um desenho filiforme, como o desenho do Alfabeto Sertanejo, que conserva esta característica presente no desenho dos ferros sertanejos. Com um desenho aproximado ao de sua matriz inspiradora, apresenta um conjunto mais homogêneo, sendo os caracteres rematados ou adornados na maioria das vezes em flecha, em meia-lua e em flor. Em cinquenta caracteres, a forma de flecha aparece trinta e nove vezes, em trinta e sete caracteres.



114. Os designers trabalharam sobre o Alfabeto Sertanejo de Suassuna para criar os tipos em formato digital.



115. Equilíbrio e homogeneidade entre caracteres semelhantes na Fonte tipográfica Armorial.

O designer Ricardo Gouveia de Melo, um dos autores da Tipografia Armorial, afirma em entrevista a periódico (*site* n° 27), que procura afastar o seu trabalho dos “regionalismos pitorescos, caricatos e estereotipados” e que lhe entusiasma a possibilidade de estar “inserindo algo balizado por uma realidade local em um contexto muito maior”. Segundo ele, o Design tem sido pautado por “uma padronização do *estica-e-puxa* permitido pelo computador”. Ricardo, defendendo a sistemática de olhar texturas, formas e cores da região em que vivemos como uma forma alternativa de projeto, entende que a matriz que eles usaram na Fonte Armorial pode sugerir outras leituras.



116. Tipografia Armorial: a forma de flecha aparece trinta e nove vezes, em trinta e sete caracteres.

3.5.1. Exemplos de projetos com a Fonte Armorial

Vários trabalhos foram realizados com o uso da Fonte Tipográfica Armorial. Estes projetos, desenvolvidos com a fonte desenvolvida com a colaboração de Suassuna, servem ao propósito maior de facilitar uma compreensão da proposta visual armorial do escritor aplicada ao Design. O registro de alguns destes trabalhos de Design surgidos a partir do Armorial, desenvolvidos com inspiração na estética proposta pelo grupo, procura se inserir na escola que fomenta, através do estudo de projetos de design, fomentar a busca pelo entendimento da nossa própria cultura.



117. Capa do Livro 'O Auto da Compadecida' (Suassuna, 2004).

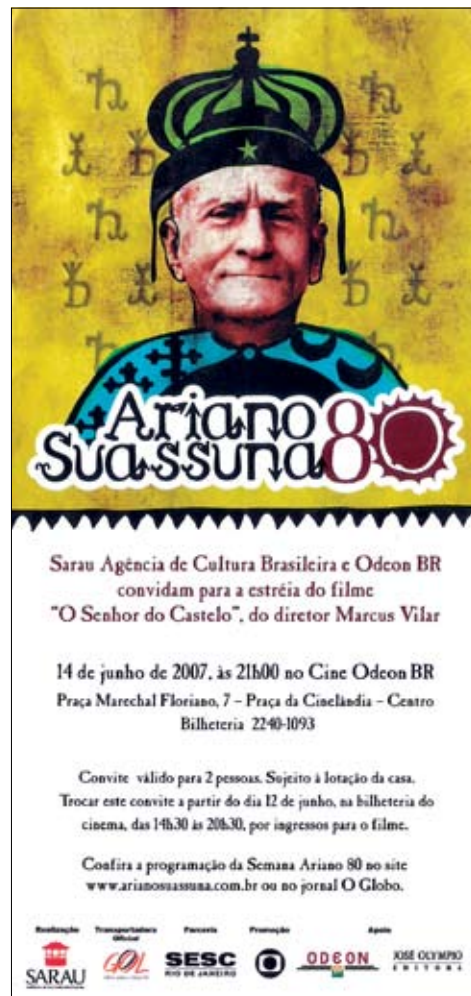


118. Site de Ariano Suassuna.

119 e 120. Capa e interior de publicação distribuída durante a Semana Armorial, realizada em comemoração aos 80 anos de Ariano Suasuna (2007).

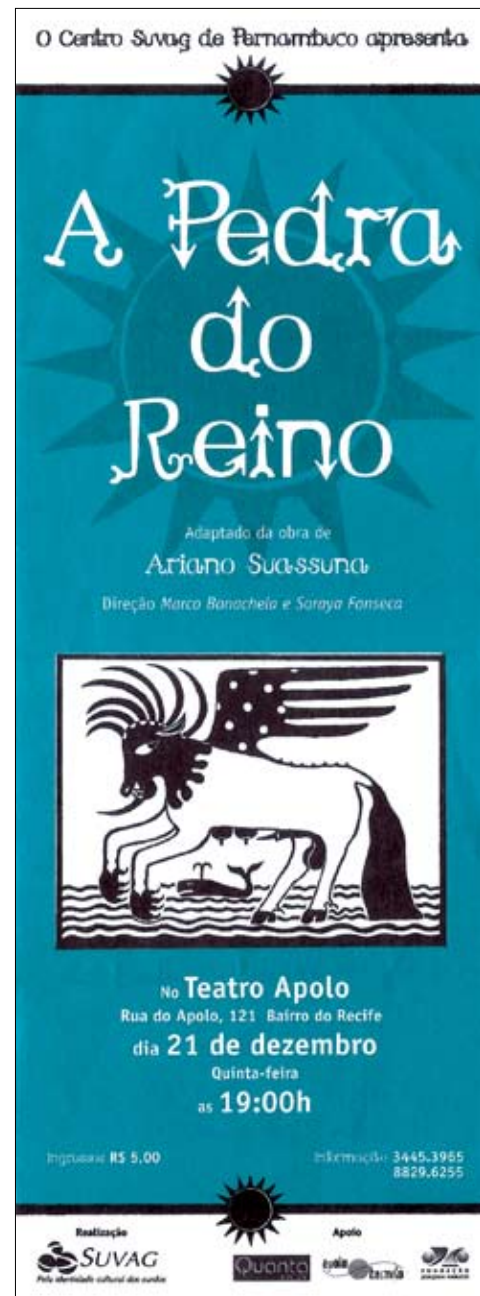


121. Convite para apresentação do filme 'O Senhor do Castelo' de Marcus Vilar, durante a Semana Armorial (2007).





122. Calendário (2007) produzido pela CHESF.



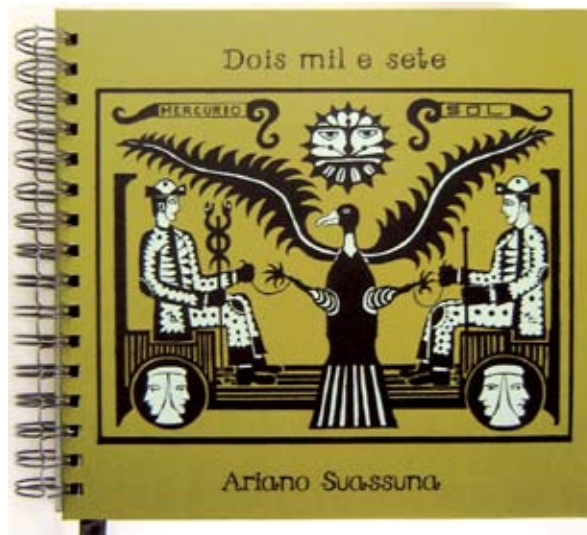
123. Filipeta da peça 'A Pedra do Reino'.



124. Site da minissérie 'A Pedra do Reino' (2007).



125. Convite para lançamento do livro 'ABC de Ariano Suassuna, de Bráulio Tavares.



126. Agenda produzida pelo Centro SU-VAG de Pernambuco (2007) em homenagem a Suassuna.

3.6. Outras propostas de fontes baseadas nos ferros

Ao criar seu Alfabeto Sertanejo, Suassuna criou uma solução conceitual que pôde servir de base para um número grande de projetos de design e fontes tipográficas, ampliando uma idéia que a princípio era para seu próprio uso artístico.

3.6.1. Armorialbats: os *dingbats* armoriais da Tipos do Acaso

A fundição digital 'Tipos do Acaso' foi criada quando alguns de seus sócios —dos quais pode-se destacar Leonardo Buggy— ainda eram estudantes no curso de Design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Depois de algumas reuniões e cursos, particularmente o realizado pela professora Priscila Farias (PUC/ São Paulo), os jovens designers decidiram montar (contando com o apoio da professora Solange Coutinho) o grupo Tipos do Acaso, que se tornou a primeira *fonthouse* pernambucana, ou seja, uma empresa de produção de fontes tipográficas digitais exclusivas.

A fundição Tipos do Acaso desenvolveu seu mais célebre projeto, os Manguébats, uma família tipográfica inspirada no Movimento Manguebit (ver introdução), por conta de um projeto que tinha como objetivo a divulgação e a conscientização dos empresários para a utilização dos conceitos de brasilidade na produção industrial. O projeto foi fruto de uma parceria entre o Ser-

viço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas de Pernambuco (Sebrae/PE) e a Agência de Desenvolvimento de Pernambuco (AD-Diper), o projeto foi desenvolvido pelo programa 'Cara Brasileira' e executado nacionalmente pelo Sebrae.

Dando continuidade a este projeto do Sebrae, o designer Leonardo Buggy (responsável pela empresa Tipos do Acaso) e integrantes da *fonthouse* desenvolveram também os 'Armoriabats' 1 e 2 (figura 127), como parte do projeto 'Iconografia do Movimento Armorial', uma seqüência do projeto Manguebat. Junto com os *dingbats* inspirados no Movimento Armorial, já finalizados e em fase de comercialização, foi desenvolvida em segundo plano, segundo Leonardo Buggy, uma nova fonte tipográfica inspiradas nos ferros de marcar (figura 128).

Os *dingbats* foram inspirados na estética das xilogravuras populares e nas gravuras eruditas de Gilvan Samico. Já a fonte tipográfica, foi inspirada no Alfabeto Sertanejo de Suassuna, porém afastando-se bastante do primeiro. O Resultado é uma fonte tipográfica mais simples e de boa le-



128. Fonte tipográfica da Tipos do Acaso, inspirada em ferros-de-marcar. A fonte acompanha os *dingbats* armoriais, ou Armorialbats 1 e 2.



Armoriabat 1: Leonardo Buggy e Gustavo Gusmão. Armoriabat 2: Leonardo Buggy e Matheus Barbosa.

127. Armorialbat: projeto inspirado em xilogravuras de folhetos de Cordel e no trabalho armorial de Gilvan Samico.



129. A forma de 'roda', pela classificação ferros de Suassuna, foi a mais utilizada na fonte da Tipos do Acaso.

gibilidade, apesar de ter sido desenvolvida apenas com caracteres maiúsculos (ver figura 135, na pág. 119). Com vinte e seis caracteres, a opção para o remate das letras se deu pela forma de flecha, lua e roda, sendo que esta última não foi explorada na construção da Fonte Armorial. O trabalho foi selecionado na Terceira Bienal Latinoamericana de Tipografia, a 'Tipos Latinos' (2008).

3.6.2. A proposta de fonte tipográfica de Virgílio Maia

À frente do Colégio Nordestino de Heráldica Sertaneja em Fortaleza (ver introdução), o poeta e escritor Virgílio Maia desenvolveu sua própria fonte tipográfica inspirada nas marcas de gado (figura 130), depois de conversas com Ariano Suassuna e com Oswaldo Lamartine de Faria, também estudioso do sertão. As formas dos caracteres de Virgílio Maia, foram idealizadas baseadas nos ferros típicos do Estado do Ceará e o resultado é uma fonte tipográfica que se distancia bastante das primeiras fontes exibidas neste trabalho.

Sua fonte foi concebida apenas em caixa alta, assim como a proposta da fundição Tipos do Acaso e da Fonte Sertões (figura 131), que será descrita a seguir. Virgílio procurou desenvolver formas de letras mais simples, com o uso de poucas 'divisas', como define Suassuna,



130. Fonte tipográfica de Virgílio Maia, idealizada a partir dos ferros típicos do Estado do Ceará.

realizando uma composição bastante equilibrada, apesar de cada caracter ter uma identidade própria bem definida.

Um fator que a diferencia das demais propostas examinadas é que o seu desenvolvimento se fez de maneira artesanal: Virgílio mandou fabricar cada uma das letras em uma metalúrgica, com o objetivo de preservar o caráter rústico do projeto. Cada uma das letras foi produzida com dez centímetros de altura, sendo utilizadas como clichê. Posteriormente as impressões feitas com estes carimbos foram fotocopiadas e arte-finalizadas.

3.6.3. A fonte tipográfica Sertões

Por conta de um projeto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em comemoração aos cinquenta anos da obra de Euclides da Cunha, foi desenvolvida uma identidade visual a partir de estudo sobre o sertão e suas características sociais, ecológicas e culturais. Articulado a esse evento, foi realizado um projeto de uma adaptação livre da Fonte Tipográfica Armorial: a Fonte Tipográfica Sertões, de autoria de Breno Carvalho. O projeto, chamado de 'Olhares sobre os Sertões Pernambucanos', foi apresentado ao público no período de 25 de novembro a 13 de dezembro de 2002 e sua proposta visual procurava evidenciar a dureza da terra, a sede pela vida e a criatividade do homem sertanejo.

Para alcançar seus objetivos, foram explorados na identidade visual (figura 132) dois tipos de fontes tipográficas. Segundo seus autores, a primeira, Casablanca Antique, por apresentar sinuosidade, faz referência à característica do solo do semi-árido durante o período de chuvas; a segunda é a 'Fonte Sertões' (figura 131). Realizada com base na Tipografia Armorial,



131. Fonte Tipográfica Sertões, de autoria de Breno Carvalho.

132. Marca do projeto 'Olhares sobre os Sertões Pernambucanos'.



Exemplos de uso da Fonte Sertões:

133. A fonte Sertões foi utilizada pelo Sebrae, durante o evento de moda (Fashion Rio) que aconteceu entre os dias 3 e 8 de junho de 2007 (na Marina da Glória.

134. Wallpaper do projeto Sertões.



esta fonte tipográfica se afasta bastante da primeira e acaba fazendo alusão tanto aos 'ferros', como às xilogravuras rústicas da Literatura de Cordel, pelo seu traçado e aos espinhos característicos de vegetação sertaneja, por seus remates. Espinhos estes que justificam a armadura de couro, usada pelos cavaleiros sertanejos. O projeto recebeu destaque na 8ª Bienal Brasileira de Design Gráfico, realizada pela ADG em 2006.

Segundo o realizador, para se chegar ao símbolo que compõe a identidade visual, tomou-se como inspiração o mandacaru, planta que se adaptou para sobreviver no clima semi-árido e defender-se dos predadores. A partir desse ícone, foi desenvolvido um símbolo que pretende fazer alusão à sua flor e ao seu fruto vermelho. O conjunto representaria, segundo o autor, os antagonismos presentes no universo nordestino, através de uma composição de traços fortes e rústicos, mesclados a linhas suaves e harmoniosas.

São postas abaixo, para efeitos de comparação, as diferentes versões de fontes tipográficas expostas neste texto.

ROMANCE DA PEDRA DO REINO
 É O PRINCIPE DO SANGUE DO VAI É VOLTA

Romance da Pedra do Reino
 É O Príncipe do Sangue do Vai e Volta

ROMANCE DA PEDRA DO REINO
 É O PRINCIPE DO SANGUE DO VAI É VOLTA

ROMANCE DA PEDRA DO REINO
 É O PRINCIPE DO SANGUE DO VAI É VOLTA

ROMANCE DA PEDRA DO REINO
 É O PRINCIPE DO SANGUE DO VAI É VOLTA

135. Comparação entre distintas fontes inspiradas em ferros-de-macar boi.

3.6.4. Logotipos da minissérie ‘A Pedra do Reino’

Por conta da minissérie ‘A Pedra do Reino’ —dirigida por Luiz Fernando Carvalho e exibida pela emissora Rede Globo, entre os dias 12 e 16 de outubro de 2007, como parte do Projeto Quadrante— foram geradas três versões diferentes de marcas com estética alusiva aos ferros de marcar para serem aplicadas em distintos produtos desenvolvidos relacionados a este projeto (figura 136).

A Fonte Armorial foi inicialmente utilizada na construção do site da minissérie (figura 140). A página de Internet foi desenvolvida pelo designer André Luiz Machado, seguindo a orientação de Luiz Fernando Carvalho que deu como mote a estética do pintor e arquiteto italiano Giotto



136. Logotipos utilizado nos produtos derivados da minissérie ‘A Pedra do Reino’.

di Bondone (1266–1337). Um segundo logotipo, um tanto condensado, pôde ser visto tanto na vinheta de abertura do programa (figura 139), inspirada no *site* de André Luiz Machado (figura 140), como em diversas peças gráficas desenvolvidas durante a celebração da estréia do projeto e das comemorações dos 80 anos de Ariano Suassuna, realizadas em conjunto. Como exemplo pode-se citar a palestra realizada na PUC-Rio e a exposição sobre a minissérie 'A Pedra do Reino' e a obra de Suassuna (realizada no Centro Cultural Ação Cidadania). Uma terceira pode ser vista no projeto do DVD desta mesma série (figura 137).



137. DVD da 'Pedra do Reino'.

138. Capa do CD com a trilha sonora da minissérie.

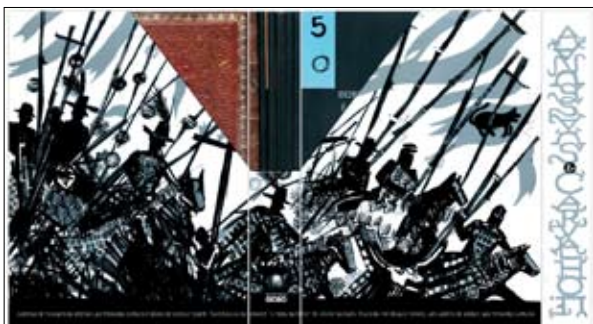


139. Convite para abertura da exposição da minissérie 'A Pedra do Reino', em 2007.



140. Detalhe do *site* da minissérie 'A Pedra do Reino'.

Na lombada da caixa contendo o roteiro e registros das gravações da minissérie 'A Pedra do Reino' (figuras 141 e 142), percebe-se o nome dos idealizadores, 'A. Suassuna' e 'L.F. Carvalho', com o uso de uma fonte tipográfica distinta das que foram mencionadas e que apresenta semelhanças com o desenho do Alfabeto Sertanejo.



141 e 142. Caixa contendo o roteiro e registros das gravações da minissérie 'A Pedra do Reino'.



3.6.5. Últimos trabalhos

Além dos trabalhos relacionados ao Movimento Armorial já exibidos, existem outros, também relevantes, que não recebem destaque neste estudo.

O primeiro é a identidade visual do documentário 'Quaderna' (figura 143), exibido no dia 24 de julho de 2007. O documentário tem como tema a vida de Ariano Suassuna e o universo artístico criado pelo escritor. Foi realizado como parte das comemorações dos 80 anos do escritor e a vinheta do programa exibiu um novo desenho de caracteres inspirados no Alfabeto Sertanejo.



143. Vinheta do documentário 'Quaderna', que trata da obra de Suassuna a partir de entrevistas com artistas, amigos e familiares.

Finaliza-se esta seção com alguns trabalhos inspirados na estética armorial, que no entanto não fazem uso de fontes tipográficas inspiradas em ferros de marcar.

Os trabalhos seguintes, todos projetos da designer Joana Lyra baseados no universo imagético de Suassuna, recebem destaque pela sua magnitude com relação ao Movimento. O primeiro é a decoração de rua para o carnaval de Recife de 2006, em homenagem a Ariano Suassuna e o Movimento Armorial (figura 145). A designer desenvolveu, também, os projetos de identidade visual e cenografia do carnaval de Recife de 2001 a 2008, participando com o trabalho de 2006 da exposição 'Designmai', realizada na Alemanha no mesmo ano. Os elementos decorativos foram adaptados às estruturas projetadas por seu pai, o arquiteto Carlos Augusto Lira.

Neste mesmo ano, era de Joana Lyra o projeto da identidade visual das bebidas da Ambev para o carnaval de Recife e Olinda. A Ambev produziu 2 milhões de latas de cerveja (figura 144) e guaraná para o evento. Todas as latinhas foram decoradas com projeto da artista plástica Joana Lira em homenagem as respectivas cidades.



144. identidade visual da Cerveja antártica durante o carnaval de 1996.



145. Exemplo da decoração de rua para o carnaval de Recife de 2006, em homenagem a Ariano Suassuna e o Movimento Armorial.



4. Considerações Finais

Esta dissertação partiu do entendimento de que é importante que o designer reconheça os movimentos artísticos relevantes de sua própria cultura: os elementos estilísticos, as tendências, assim como a filosofia e objetivos presentes nestes movimentos. Para concluir, procurase, neste espaço, relacionar os estudos específicos de cada capítulo aos objetivos principais da dissertação, procurando além disso deixar margem a trabalhos acadêmicos futuros.

Ao estudar a trajetória do Movimento Armorial através da produção artística de Ariano Suassuna, procurando tratar de assuntos de interesse para o campo do Design, duas questões pelo menos ficaram evidentes: a primeira é relacionada ao discurso político e cultural (e todos os aspectos que estão ligados a estas questões) defendido pelo escritor durante a trajetória do Armorial, em defesa da cultura “popular” e da arte brasileira e em oposição à cultura massificada e à padronização cultural; a segunda questão, intrinsecamente ligada à primeira, é a própria proposta estética deste movimento artístico, herdeira do confronto entre regionalistas e modernistas das primeiras décadas do século XX. No caso do Armorial, uma proposta estética que sofreu alterações no decorrer de sua longa trajetória, mas que se manteve coerente com o discurso defendido pelo seu protagonista. Configurando-se como um movimento artístico de forte viés tradicionalista e que tem o objetivo de atingir a vanguarda artística a partir dos elementos arcaicos da cultura brasileira.

É interessante observar também algumas características armoriais menos divulgadas como a clara integração existente entre suas obras. Esta característica permite comparações e cotejamentos entre elas, de certa forma facilitando o seu estudo, já que temas e motivos se repetem e são revisitados. Junto com ela vale salientar também a questão da ‘cópia’, que, encarada com naturalidade pelos armorialistas, aproxima o seu entendimento de ‘fazer artístico’ com o que ocorre com o Romanceiro popular (na qual chega ser difícil definir a autoria das obras) e, mais além, de um ‘fazer artístico’ característico da Idade Média.

No caso específico de Suassuna, é latente a unidade e coerência de suas enunciações visuais. Elas se encontram pedagogicamente conectadas à sua produção literária, podendo ser estendido a toda sua produção artística, apoiadas no discurso que defende. Percebe-se também uma grande influência de seu pai —João Suassuna— e de acontecimentos pessoais em sua obra, onde fatos regionais ganham proporções universais. Isto acontece a partir do momento em que o artista ingressa na Faculdade de Direito de Pernambuco e deixa claro o discurso que iria nortear sua produção artística no anos seguintes.

Outro aspecto importante é o entendimento de Ariano Suassuna com relação à cultura popular: a importância de se entender que se trata de uma visão particular do que é importante a ser preservado no campo da cultura. Não se pode falar do Armorial de Suassuna sem compreender bem esta questão, para, assim, compreender sua própria criação, além do trabalho de outros integrantes deste movimento artístico baseados nessa proposta.

Ao aproximar-se da produção artística visual de Suassuna através de suas iluminogravuras, além da interessante familiaridade que ela apresentam com as iluminuras ibéricas do período românico, é relevante comentar sua importância para o Armorial, refletida na influência que representa para os artistas integrantes da vertente visual do Movimento. Já ao focar seu Alfabeto Sertanejo, presente em suas poesias ilustradas, e as propostas de fontes tipográficas desenvolvidas a partir da concepção do escritor, causa admiração a quantidade expressiva de projetos encontrados que fazem uso destas criações. Não se pode negar o fato de que o Alfabeto Sertanejo originou diversos trabalhos que refletem aspectos interessantes da cultura brasileira.

Vale comentar que outras pesquisas com este mesmo tema poderiam propor um outro recorte, até mais amplo, buscando exemplos de projetos de design relacionados ao armorial enfatizando, por exemplo, à inspiração nos folhetos de populares. No decurso desta dissertação foram encontrados muitos trabalhos, relacionados ao Armorial, fazendo uso de fontes tipográficas baseadas em xilogravuras de Literatura de Cordel, com uma aproximação ao que poderia ser chamado de ‘estética do Cordel’.

Porém, no viés adotado nesta pesquisa —a partir do Alfabeto Sertanejo— a questão dos ferros de marcar foi sempre levada em consideração e houve a constatação de uma profusão e intensificação no uso de referências aos ferros associado ao Armorial. Fontes tipográficas inspiradas em ferros de marcar, inseridas ou não no Movimento Armorial, fazem alusão a uma manifestação cultural relevante para o campo do design vernacular, justificada por suas aplicações diversas que imprimem um sentido moderno de ‘marca comercial’ para esta manifestação. Desenvolver um projeto de design baseado tanto nas iluminogravuras de Suassuna, como em seu Alfabeto Sertanejo, obras “baseadas em matrizes ancestrais”, significa realizar um mergulho nas profundidades da cultura nacional. E, como nos objetivos armoriais, estes trabalhos figurariam como obras eruditas fundamentadas na raiz popular da nossa cultura.

A concepção tipográfica de Suassuna sugere também outras leituras, no sentido de basear-se, ao projetar, em manifestações de Design não convencionais, como poderia ser o caso das marcas poveiras, fenômeno litorâneo português que apresenta certa familiaridade, no tocante às características heráldicas e formais, se comparadas aos ferros sertanejos. É importante destacar que a ferragem de gado se trata de uma prática milenar, difundida entre vários povos e distintas culturas, sendo inesgotáveis as possibilidades tipográficas que podem ser trabalhadas baseando-se nessa manifestação sociocultural.

A partir do Movimento Armorial, uma das propostas para a arte diante da cultura administrada neste fim de século no Brasil, se abrem outros possíveis temas para trabalhos futuros, rela-

cionados tanto às manifestações artístico-culturais nordestinas relevantes para o campo do Design, como também à possibilidade de novos aportes no que se refere às questões das relações do Design com a cultura popular.

Enfatiza-se que esta dissertação acaba por dar margem a futuros estudos no campo do Design relacionados diretamente ao Movimento Armorial, já que ele se apresenta como um vasto campo para pesquisa, não só com relação as produções individuais de seus integrantes, como a respeito do citado discurso em que exalta e defende a “Rainha do Meio-Dia”, que é como são chamados o Brasil e o terceiro mundo por Suassuna: uma rainha, segundo ele, pobre, escura, magra, faminta, explorada, submetida e sitiada pelos exércitos do mundo poderoso¹.

1. **Diário de Natal**. Natal, Domingo, 20 de março de 2005.

BIBLIOGRAFIA:

AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1984.

ARAÚJO, Emanuel. (Prefácio). In: LIMA, Guilherme Cunha. **O Gráfico Amador: as origens da moderna tipografia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

BARDI, Lina Bo. Memos: Lina Bo Bardi. In: **Invenção do Brasil**. Rio de Janeiro: M.A.D.E. – Ministério da Cultura, F.N.C, 1997.

BARROSO, Gustavo. **Terra de Sol: natureza e costumes do norte**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, Coleção Clássicos Cearenses, 2003 (reedição histórica: original de 1912).

BITTER, Daniel. **O Movimento Armorial. Ariano Suassuna e a gênese de uma arte brasileira de raízes populares**. 2000. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Faculdade de Belas Artes, UFRJ, Rio de Janeiro.

BOMFIM, Gustavo Amarante. **Idéias e Formas na História do Design: uma Investigação estética**. 1ª edição. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 1998.

BORBA FILHO. In: SUASSUNA, Ariano. **Ferros do Cariri: uma heráldica sertaneja**. Recife: Ed. Guariba, 1974.

BRUCE- MITFORD, Miranda. **O livro ilustrado dos símbolos**. 1ª edição. São Paulo: Ed. Publifolha, 2001.

CAMPOS, Maximiano. **O Major Façanha**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

CASTRO, Patrícia Rezende de. **Visões Armoriais**. 2005. Monografia (Graduação em Comunicação Visual) – Departamento de Artes, PUC, Rio de Janeiro.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1990.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma Introdução à História do Design**. 2ª edição. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 2004.

DORMER, Peter. **Os significados do Design Moderno: a caminho do século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1989.

ECO, Umberto. **Arte e Beleza na Estética Medieval**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1989.

- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1958.
- FARIAS, Priscila. **Tipografia Digital: o impacto das novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Ed. 2AB, 2001.
- FAVARETTO, Celso. **Tropicália: alegoria, alegria**. São Paulo: Ed. Kairos, 1979.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Ed. Studio Nobel, 1995.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. **A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 26f.
- FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore no Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962.
- GOMBRICH, Ernst. H. **A história da Arte**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1993.
- HOBBSAWN, Eric. **A Invenção das Tradições**. (organização de RANGER, T.). Rio de Janeiro: Ed. Terra e Paz, 1984.
- INOJOSA, Joaquim. **A Arte Moderna**. Ed. Meio Dia, 1977.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. (tradução Marina Appenzeller). Campinas: Ed. Papyrus, 1996.
- LEITE, João de Souza. **A Herança do Olhar: O Design de Aloisio Magalhães**. Rio de Janeiro: Artviva, 2003.
- LEMOS, Anna Paula Soares. **Ariano Suassuna, o palhaço-professor e sua Pedra do Reino**. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
- LIMA, Ana Paula Campos. **Sertão alumiado pelo fogo do cordel encantado**. Recife: Ed. Comunigraf, 2005.
- LIMA, Guilherme Cunha. **O Gráfico Amador: as origens da moderna tipografia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- MAGALHÃES, Aloisio. **E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, Fundação Roberto Marinho, 1997.
- MADUREIRA, Lia. **Design Armorial. Uma Hipótese**. 1995. Monografia (Graduação em Comunicação Visual). Centro de Artes e Comunicação, UFPE, Recife.

- MAIA, Virgílio. **Rudes Brasões: Ferro e Fogo das Marcas Avoengas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- MATTOSO, José. **O imaginário da iluminura medieval**. In: MIRANDA, M. A. (Coord.). *A iluminura em Portugal: identidade e influências*. Catálogo da Exposição, 26 de Abril a 30 de Junho 1999. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999. pp. 27-37.
- MEDEIROS FILHO, João. **Seridó – Séc. XIX: Fazendas e Livros**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Marques Saraiva, 2001.
- MEGGS, Philip. **A History of Graphic Design**. 1ª edição. London: Ed. Allen Lane, 1983.
- MORAES, Maria T. D. **Emblemas da Sagração Armorial: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial**. 1ª edição. Recife: Ed. Universitária, UFPE, 2000.
- NEWTON JÚNIOR, Carlos. **O Pai, o Exílio e o Reino: a poesia armorial de Ariano Suassuna**. Recife: Ed. Universitária, UFPE, 1999.
- NEWTON JÚNIOR, Carlos. **Vida de Quaderna e Simão**. Recife: Ed. Universitária, UFPE, 2003.
- NIEMEYER, Lucy. **Tipografia: uma apresentação**. Rio de Janeiro: Ed. 2AB, 2001.
- NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. **O Cabreiro Tresmalhado: Ariano Suassuna e a Universalidade da Cultura**. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2002.
- OLIVEIRA, Jô. **Guerra do Reino Divino**. 2ª edição. São Paulo: Ed. Hedra, 2001.
- PANDOLFI, Dulce. *A trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político*. In: **Regionalismo e centralização política: partidos e constituinte nos anos 30** / Coordenação Ângela de Castro Gomes... [et al]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. pp. 339-425.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado das artes visuais**. (Tradução de Maria Clara F. Kncese). 2ª edição. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.
- PEREIRA, Aldemar d'Abreu. **Tipos: desenho e utilização de letras no projeto gráfico**. Rio de Janeiro: Ed. Quartet, 2004.
- MOLLERUP, Per. **Marks of Excellence: The History and Taxonomy of Trademarks**. London: Phaidon, 1997.
- RIBEIRO, Leda Tâmega. **Mito e Poesia Popular**. Rio de Janeiro: Funarte – Instituto Nacional do Folclore, 1986.
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Em Demanda da Poética Popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial**. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

SATUÉ, Enric. **El Diseño Gráfico: desde los orígenes hasta nuestros días**. Barcelona: Ed. Alianza Forma, 1999.

SILVA, José Custódio Vieira da. A Iluminura Medieval - algumas reflexões. In: **A Iluminura em Portugal: Identidade e Influências**. Catálogo da Exposição, 26 de Abril a 30 de Junho 1999. Lisboa: Biblioteca Nacional, pp. 39–48.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta: romance armorial-popular brasileiro**. (Prefácio de Rachel de Queiroz. Posfácio de Maximiano Campos). Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1971.

[A partir da segunda edição, o corpo do romance é subdividido em cinco partes, ou “Livros”: A Pedra do Reino (Folhetos I–XXII); Os Emparedados (Folhetos XXIII–XXXVI); Os Três Irmãos Sertanejos (XXXVII–LXIII); Os Doidos (LXIV–LXXV); A Demanda do Sangral (LXXVI–LXXXV)].

SUASSUNA, Ariano. **Ferros do Cariri: uma heráldica sertaneja**. Recife: Ed. Guariba, 1974a.

SUASSUNA, Ariano. **O Movimento Armorial**. Recife: Ed. Universitária, UFPE, 1974b.

SUASSUNA, Ariano. **A Farsa da Boa Preguiça**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974c.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. Recife: Ed. Universitária, UFPE, 1975. [4ª edição em 1996].

SUASSUNA, Ariano. **Sonetos com Mote Alheio**. Recife: edição manuscrita e iluminogravada pelo autor, 1980

SUASSUNA, Ariano. **A Pintura Armorial**. Recife: Edição de Arte, 1989a.

SUASSUNA, Ariano. **O santo e a porca e o Casamento suspeito**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1989b.

SUASSUNA, Ariano. **Iluminogravuras**. Recife: SESC-Pernambuco, 2000.

SUASSUNA, Ariano. **A Pena e a Lei**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2005.

SUASSUNA, Ariano. **A História de amor de Fernando e Isaura**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2006.

SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2004.

SUASSUNA, Ariano. **Seleta em Prosa e Verso**. (Organização de Silvano Santiago). 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2007.

TAVARES, Bráulio. **ABC de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2007.

TOSTES, V. L. B. e ADDOR, A. **Princípios de Heráldica**. Petrópolis: Museu Imperial / Fundação MUDES, 1983.

VIANNA, Hermano. **O mistério do Samba**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar / Ed. UFRJ, 1995.

VICTOR, Adriana e LINS, Juliana. **Ariano Suassuna - Um perfil bibliográfico**. Recife: Ed. Jorge Zahar, 2007.

_____. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**, São Paulo, Nova Cultural, 1998.

_____. **Samico: 40 anos**. (Textos de Frederico Morais e Ariano Suassuna). Rio de Janeiro: CCBB, 1997.

Revistas, periódicos e catálogos de exposições:

A ILUMINURA EM PORTUGAL: identidade e influências (do séc. X ao XVI): catálogo da exposição / Aires Augusto Nascimento... [et al.]; coord. Maria Adelaide Miranda. – Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999. – 391, [1] p.: il.; 30 cm.

CALIBÁN: Uma Revista de Cultura. Rio de Janeiro: Calibán, nº 1, 1998.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Ariano Suassuna. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, nº 10, 2000.

ENCOURADOS: Um inventário fotográfico, investigação sonora e registros escritos sobre o vaqueiro e a lida com o gado / fotografias: Geyson Magno; textos: Adriana Victor; Desenhos: Manuel Dantas Suassuna; concepção gráfica: Ricardo Gouveia de Melo. Recife: B52 Desenvolvimento Cultural, 2006.

REVISTA DE CULTURA VOZES. Petrópolis: Editora Vozes, nº 1, ano 66, 1972.

SAMICO: do desenho à gravura. Livro lançado por ocasião de sua exposição na pinacoteca de São Paulo, realizada no período de agosto a setembro de 2004 (curadoria de Ronaldo Correia de Brito). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Governo do Estado de São Paulo, 2004.

TUPIGRAFIA: Revista brasileira sobre tipografia e caligrafia. São Paulo: Oficina Tipográfica São Paulo, nº 1, 2000.

8ª BIENAL BRASILEIRA DE DESIGN GRÁFICO. São Paulo: ADG Brasil – Associação dos Designers Gráficos, 2006. [catálogo da principal exposição brasileira de design gráfico]

REVISTA CONTINENTE MULTICULTURAL. Edição nº 1. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2001.

REVISTA CONTINENTE MULTICULTURAL. Edição nº 14. Recife: Companhia Editora de Pernambuco. Fevereiro de 2002.

REVISTA CONTINENTE MULTICULTURAL. Edição nº 20. Recife: Companhia Editora de Pernambuco. Agosto de 2002.

REVISTA DE CULTURA Vozes. Edição nº 1. Janeiro/Fevereiro de 1972.

O PASQUIM. (Entrevista). Edição nº 21. Rio de Janeiro: Editora Gampz, 2005.

REVISTA CAROS AMIGOS. Edição nº 20. Ed. Casa Amarela, abril de 1999.

REVISTA CAROS AMIGOS. Edição nº 75. Ano VII. Ed. Casa Amarela, Junho de 2003. Disponível em <www.carosamigos.com.br>.

NOSSA HISTÓRIA. Edição nº 30 (ano 4). Editora Vera Cruz. Abril de 2006.

Artigos na Internet:

BARBOSA, Ana-Mae. Artes plásticas no Nordeste. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, nº 29, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Mar 2008.

ABREU, Capistrano de. Capítulos de História Colonial. **Fundação Biblioteca Nacional**, Dept. Nacional do Livro. Disponível em: <http://catalogos.bn.br/scripts/odwp012k.dll?indexlist=fbn_dig_pr:fbn_dig>. Acesso em: 28 Mar 2008.

COSTA, Ricardo da. A Imagem na Idade Média Beato de Liébana (730–785) e uma iluminura dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse de São João. In: **História e Imagem. Semana de História - 98**. Rio de Janeiro: PUC, 1998. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/liebana.htm>>. Acesso em: 28 Mar 2008.

ARAÚJO SÁ, Antônio Fernando de. O cangaço nas histórias em quadrinhos. In: **53ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. Versão de comunicação apresentada sob forma de painel em Salvador: Universidade Federal da Bahia, 13 a 18 de julho de 2001, e sob forma oral na Mesa 'New Approaches to Oral History: Reports from the Field on Memory Then and Now', coordenada pela professora Linda Lewin, no VI Congresso Internacional do *Brazilian Association Studies* (BRASA), em Atlanta/Geórgia/EUA, 4-6 de abril de 2002 e no *Latin American Studies Center* na *University of North Carolina* em Chapel Hill no dia 8 de abril de 2002.

GÓMEZ, Nora Marcela. La Textualidad Léxico-Figurativa en Los Beatos. In: **Mirabilia Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval**. Rioja: Universidad de La Rioja, 2001. Disponível em: <<http://www.revistamirabilia.com>>. Acesso em: 20 Mar 2007.

PEREIRA, Joacil de Brito. **Joacil de Brito Pereira: depoimento** [31/01/1978 a 02/02/1978]. Entrevistadores: Eduardo Raposo e Osvaldo Trigueiro do Vale. Rio de Janeiro: CPDOC/Universidade Federal Da Paraíba, 2001. 6 fitas cassete (5h 50min). Entrevista realizada no contexto do projeto de constituição de acervo sobre a história política da Paraíba, desenvolvido em convênio entre o CPDOC e a Universidade Federa da Paraíba.

Páginas na Internet, revistas e periódicos:

1. A fonte que nunca seca. **Jornal do Commercio**, Recife, 23 de julho de 2000.
2. Artista recria desenhos de Ariano utilizando mosaico. **Jornal do Commercio**, Recife, 15 de dezembro de 1998.
3. Os tipos armoriais de Ariano Suassuna. **Jornal do Commercio**, Recife, 23 de julho de 2000.
4. As gravuras iluminadas do mestre Ariano. **Jornal do Commercio**, Recife, 25 de agosto de 2000.
5. Mosaicos ressaltam arte armorial. **Jornal do Commercio**, Recife, 18 de outubro de 2000.
6. A televisão, o armorialista e Didi Mocó. **Jornal do Commercio**, Recife, 16 de junho de 2007.
7. Exposições: MAMAM montou um calendário de mostras para todos os públicos. **Jornal do Commercio**, Recife, 2 de março de 1999.
8. Compositor ocasional nos ruidosos festivais. **Jornal do Commercio**, Recife, 16 de junho de 2007.
9. Erudito e popular contra a guitarra e o rock'n'roll. **Jornal do Commercio**, Recife, 16 de junho de 2007.
10. A mãe de Jesus faz sucesso na sétima arte. **Jornal do Commercio**. Recife, 16 de junho de 2007.
11. A filosofia do belo e do grotesco. **Jornal do Commercio**. Recife, 16 de junho de 2007.
12. A sapatilha encontra o folguedo. **Jornal do Commercio**. Recife, 16 de junho de 2007.

13. A Compadecida veio da cadeira do dentista. **Jornal do Commercio**. Recife, 16 de junho de 2007.
14. Entre o mamulengo e a metafísica. **Jornal do Commercio**. Recife, 16 de junho de 2007.
15. Artistas observam o armorial com diferentes olhares. **Jornal do Commercio**. Recife, 16 de junho de 2007.
16. Imaginário em forma de arte. **Jornal do Commercio**. Recife, 16 de junho de 2007.
17. Entrevista de Ariano Suassuna: “Fui deformado pelo Brasil”. **Jornal do Commercio**. Recife, 16 de junho de 2007.
18. Livro reúne os versos armoriais escritos por Ariano Suassuna. **Jornal do Commercio**. Recife, 1 de setembro de 1999.
19. Entrevista de Ariano Suassuna: Ariano lança versão em francês da Pedra do Reino. **Jornal do Commercio**, Recife, 21 de maio de 1998.

Obs.: Matérias também encontradas na versão do Jornal do Commercio para Internet. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/JC>>. Acesso em: 29 de março de 2008.

20. O universo mítico de Ariano Suassuna. **Revista Continente Multicultural**. Nº 78. Companhia Editora de Pernambuco, Junho de 2007. Disponível em: <<http://www.continentemulticultural.com.br/revista078/materia.asp?m=Capa&s=1>>. Acesso em: 29 de março de 2008.
21. Revista Continente Multicultural. Nº 53. Companhia Editora de Pernambuco, Maio de 2005. Disponível em: <<http://www.continentemulticultural.com.br/revista053>>. Acesso em: 29 de março de 2008.
22. Mais uma peça do mosaico cultural brasileiro. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 1 abr. 2000, p. 4. Caderno de Sábado. Disponível em: <<http://www.soniavandijck.com/idelette.htm>>. Acesso em: 29 de março de 2008.
23. Ariano expõe iluminogravuras. **Nordesteweb**. Disponível em: <http://web3.com.br/not10_1203/ne_not_20031205b.htm>. Acesso em: 24/07/2006.
24. Ariano Suassuna revela seu talento pictórico. **Diário de Pernambuco**. Disponível em: <http://www.pernambuco.com/diario/2003/12/04/viver13_0.html>. Acesso em: 24/07/2006.
25. Escritório Id. Comunicação visual. Disponível em: <<http://www.idcomunicacao.net/index.html>>. Acesso em: 24/11/2008.

26. Exposição fotográfica conta vida dos Encourados. NordesteWeb. Disponível em: <http://www.nordesteweb.com/not10_1206/ne_not_20061017e.htm>. Acesso em: 8/10/2006.
27. Marcas feitas em gado viram alfabeto digitalizado. NordesteWeb (Adélia Borges. Investnews/Gazeta Mercantil. Terra/Diversão). Disponível em: <http://www.nordesteweb.com/not09/ne_not_20010903d.htm>. Acesso em: 8/10/2006.
28. Aeroporto de Recife é decorado para o carnaval. Disponível em: <www.carnaval2006.terra.com.br>. Acesso em: 13/02/2006.
29. Olhares Sobre Os Sertões Pernambucanos. Disponível em: <<http://www.unicap.br/sertoes/principal.htm>>. Acesso em: 13/02/2006.
30. Movimento Tropicalista por José Miguel Wisnik. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/index.htm>>. Acesso em: 15/02/2006.
31. Núcleo de Pesquisas Históricas sobre MPB. Disponível em: <<http://www.geocities.com/altafidelidade/>>. Acesso em: 15/02/2006.
32. Humanae litterae - Blog sobre literatura e cultura em geral. Disponível em: <<http://humanaelitterae.blogspot.com/2005/10/publius-vergilius-mar.html>>. Acesso em: 13/02/2006.
33. Manguebats divulga Pernambuco através de ícones de sua cultura. Disponível em: <<http://www.wooz.org.br/setor3manguebats.htm>>. Acesso em: 13/02/2006.
34. Nota de William Morris sobre seus objetivos ao fundar a Kelmscott Press. Disponível em: <<http://www.escriitoriodolivro.org.br/arte/morris.html>>. Acesso em: 13/02/2008.
35. Aeroporto de Recife é decorado para o carnaval (13/2/2006). Disponível em: <www.carnaval2006.terra.com.br>. Acesso em: 13/02/2008.
36. Peças decorativas do Carnaval 2006 serão leiloadas (20/09/2006). Disponível em: <www.noticias.recife.pe.gov.br>. Acesso em: 13/02/2008.
37. Prefeitura comemora parceria com Ambev para Carnaval 2006 (30/01/2006). Disponível em: <www.noticias.recife.pe.gov.br>. Acesso em: 13/02/2008.
38. Prefeitura do Recife apresenta decoração do Carnaval 2006 (20/01/2006). Disponível em: <www.noticias.recife.pe.gov.br>. Acesso em: 13/02/2008.
39. Site da designer Joana Lira. Disponível em: <www.joanalira.com.br>. Acesso em: 7/01/2008.

40. Site do designer Breno Carvalho. Disponível em: <www.brenodesign.com>. Acesso em: 7/01/2008.
41. Site do artista plástico e designer Romero de Andrade Lima. Disponível em: <<http://www.romerodeandradelima.com.br>>. Acesso em: 7/01/2008.
42. Site do artista plástico Francisco Brennand. Disponível em: <<http://www.brennand.com.br>>. Acesso em: 10/02/2008.
43. CIV incrementa mix de utilidades em vidro. Disponível em: <<http://www.abividro.org.br/noticias.php/86>>. Acesso em: 9/01/2008.
44. Iluminogravuras de Ariano Suassuna. Disponível em: <<http://ensinandoartesvisuais.blogspot.com/2007/09/iluminogravuras-de-ariano-suassuna.html>>. Acesso em: 17/01/2008.
45. Samico impressiona pela qualidade e preocupação por detalhes (05/08/2005). Agência Estadual de Notícias. Disponível em: <<http://www.agenciadenoticias.pr.gov.br>>. Acesso em: 17/01/2008.
46. Ariano Suassuna expõe 'iluminogravuras'. NordesteWeb. Disponível em: <http://www.nordesteweb.com/not10_1203/ne_not_20031205b.htm>. Acesso em: 17/01/2008.
47. Aula-espetáculo de Ariano Suassuna abre evento em sua homenagem. Portal do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.memorial.sp.gov.br/memorial/AgendaDetalhe.do?agendald=848>>. Acesso em: 17/01/2008.
48. Após 10 anos afastado da literatura, o autor de "Auto da Compadecida" está escrevendo novo livro. Folha On-line. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_16jun00.htm>. Acesso em: 17/01/2008.
49. Romero de Andrade Lima. Disponível em: <<http://www.pernambuco.com/diversao/antiores/romerolima.html#>>. Acesso em: 15/02/2008.
50. A universalidade da pintura nordestina de Dantas Suassuna. Disponível em: <<http://www.pernambuco.com/diversao/antiores/dantassuassuna.html>>. Acesso em: 15/02/2008.
51. Entrevista de Ariano Suassuna. UOL Mais (05/06/2007). Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/vph53s85eg14/entrevista-ariano-suassuna-0402CC994326?types=A&>>. Acesso em: 17/01/2008.
52. Biografia de Romero de Andrade Lima. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>>. Acesso em: 17/01/2008.

53. Mosaicos Armoriais de Ariano Suassuna. Mosaicos do Brasil. Disponível em: <<http://mosaicodobrasil.tripod.com/id24.html>>. Acesso em: 17/01/2008.
54. Saga de um Quixote nordestino. Disponível em: <<http://www.revistacalor.com.br/>>. Acesso em: 17/01/2008.
55. Orquestra Armorial 1975. Luiz Américo Lisboa Junior. Disponível em: <<http://www.luiza-merico.com.br/fundamentais-orquestraarmonial.php>>. Acesso em: 17/01/2008.
56. Suassuna é o homenageado deste ano na Feira do Livro de Brasília. UOI Mais – Feira do Livro. Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/v1xaxe2lamb3/feira-do-livro-0402C8B193C6?types=A&>>. Acesso em: 05/09/2007.
57. Metrópolis: Ariano Suassuna completa 80 anos. Uol Mais. Disponível em: <<http://www.mais.uol.com.br>>. Acesso em: 28/12/2007.
58. Mosaico Carioca. Grupo de discussão sobre mosaicos. Disponível em: <<http://www.mosaicocarioca.com>>. Acesso em: 28/03/2008.
59. Fundação Joaquim Nabuco. Movimento Armorial. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 12/04/2008.
60. Ariano reedita o projeto armorial. NordesteWeb. Disponível em: <http://www.nordesteweb.com/not01_0307/ne_not_20070308a.htm>.
61. Uma arte brasileira erudita, baseada na cultura popular. Página 20 (28/03/2003). Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/pagina20/3mar%E7o2003/site/28032003/estilo.htm>>. Acesso em: 28/12/2007.
62. Orange une o popular ao erudito (24/03/2005). NordesteWeb. Disponível em: <http://www.nordesteweb.com/not01_0305/ne_not_20050324b.htm>. Acesso em: 28/12/2007.
63. Academia é templo de uma vida inteira. Disponível em: <http://web3.com.br/not10_1203/ne_not_20031211e.htm>. Acesso em: 28/12/2007.
64. Nova sagração armorial de Ariano Suassuna. NordesteWeb. Disponível em: <http://www.nordesteweb.com/not01_0307/ne_not_20070319b.htm>. Acesso em: 28/12/2007.
65. Copos Bella Cor, referência ao Movimento Armorial. Disponível em: <<http://www.acats.com.br/produtos/civ.htm>>. Acesso em: 28/12/2007.
66. O Movimento Armorial. Pernambuco de A/Z. Disponível em: <http://www.pe-az.com.br/arte_cultura/movimento_armorial.htm>. Acesso em: 28/12/2007.
67. Francisco Brennand sob o viés do ensaio. NordesteWeb. Disponível em: <http://www.nordesteweb.com/not10_1207/ne_not_20071214c.htm>. Acesso em: 28/12/2007.

68. Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand. Disponível em: <http://www.meurecife.com.br/frames/personalidades/frames/personas/frame_personalidades_francisco-brennand.htm>. Acesso em: 28/12/2007.
69. Dia da Galeria (Romero de Andrade Lima). Diário de Pernambuco. Disponível em: <http://www.pernambuco.com/diario/2004/03/31/viver2_0.html>. Acesso em: 28/12/2007.
70. Entrevista de Ariano Suassuna. Revista Caros Amigos. Disponível em: <http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed75/entrevista_ariano.asp>. Acesso em: 28/12/2007.
71. Projeto Encourados. Disponível em: <<http://www.b52cultural.com.br/encourados/index0.htm>>. Acesso em: 28/12/2007.
72. Saga Nordestina. Planeta Sustentável. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/conteudo_231496.shtml>. Acesso em: 12/02/2008.
73. Cordel encantado. Isto é On Line. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1818/artes/1818_cordel_encantado.html>. Acesso em: 12/02/2008.
74. Mergulho na ambigüidade de Samico (18/08/2005). NordesteWeb. Disponível em: <<http://www.nordesteweb.com>>. Acesso em: 12/02/2008.
75. Homenagem Especial - 80 Arianos. JC Online. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/JC/sites/80arianos/>>. Acesso em: 12/02/2008.
76. Exposição de Gilvan Samico - O outro lado do rio. Site do MAMAM. Disponível em: <<http://www.mamam.art.br>>. Acesso em: 12/02/2008.
77. Provocações na estréia de O reino da pedra verde (19/03/2007). Disponível em: <<http://audicoesbrasileiras.blogspot.com/2007/03/provoaes-na-estria-de-o-reino-da-pedra.html>>. Acesso em: 12/02/2008.
78. Harmonia Armorial UniCAP. Disponível em: <<http://www.unicap.br/armorial/>>. Acesso em: 28/12/2007.
79. Orfeu Spam. Jornal Eletrônico de Poesias e Artes. Disponível em: <<http://www.jayrus.art.br>>. Acesso em: 28/12/2007.
80. Ariano Suassuna e o SESC. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br>>. Acesso em: 28/12/2007.
81. Curta-metragem "Música Armorial" de Ana Paula Campos. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/internet/tvcamara/>>. Acesso em: 28/12/2007.

82. Site de Ariano Suassuna. Disponível em: <<http://www.arianosuassuna.com.br/arianosuassuna.html>>. Acesso em: 28/12/2007.
83. Entrevista de Ariano Suassuna (05/06/2007). Uol Mais. Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/video/entrevista-ariano-suassuna-0402CC994326>>. Acesso em: 28/12/2007.
84. Samico: do desenho à gravura (Museu Oscar Niemeyer). Disponível em: <<http://www.pr.gov.br/mon/exposicoes/samico.htm>>. Acesso em: 28/12/2007.
85. Entrevista de com Ariano Suassuna: só nos dão o osso. Revista Fórum. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/VS3/artigo_ler.aspx?artigo=fb187f0b-224a-4974-873c-84e96b455eba>. Acesso em: 28/12/2007.
86. Professor da Católica cria fonte utilizada pelo Sebrae no Fashion Rio. Disponível em: <<http://www.unicap.br/>>. Acesso em: 28/12/2007.
87. Fundação Tipos do Acaso. Disponível em: <<http://www.tiposdoacaso.com.br/>>. Acesso em: 28/12/2007.
88. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>>. Acesso em: 15/04/2007.
89. Ariano Suassuna, 80. Disponível em: <http://www.nordesteweb.com/not04_0607/ne_not_20070501a.htm>. Acesso em: 15/04/2007.
90. Manifesto Regionalista. Disponível em: <<http://www.arq.ufsc.br/arq5625/modulo2modernidade/manifestos/manifestoregionalista.htm>>. Acesso em 09/03/2008.
91. Memorial Pernambucano Disponível em: <<http://www.memorialpernambuco.com.br>> Acesso em 15/03/2008
92. Amigos del Romanico Disponível em: <<http://www.amigosdelromanico.org>>. Acesso em 18/08/2007
93. Ariano Suassuna completa 80 anos. Disponível em: <tvuol.uol.com.br/metropolis/2007/09/18/ult3850u1229.jhtm>. Acesso em 15/05/2007
94. SESC. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br>>. Acesso em 13/09/2007
95. Dhnet. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br>>. Acesso em 19/11/200
96. Movimento Armorial em nova fase criadora. Jornal do Commercio. Recife, 25 de julho de 1976.
97. O real sucessor de Ariano Suassuna. Jornal do Commercio. Recife, 16 de julho de 2008.

Vídeo e Cinema

A COMPADECIDA. Direção: George Jonas. Roteiristas: George Jonas, Ariano Suassuna. Produtora(s): Norcine Industria Cinematografica Unifilme. Distribuidoras: Cinedistri, Reserva Especial, Alpha Filmes, 1969. (92 min). Son., Color.

A PEDRA DO REINO. Minissérie para televisão. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Roteiristas: Luis Alberto de Abreu, Bráulio Tavares, Luiz Fernando Carvalho, Ariano Suassuna. Produtora: Rede Globo de Televisão. Distribuidora: Globo Filmes, 2007. (230 min). Son., Color.

ARIANO SUASSUNA: Aula Magna na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: UFRN/TV Universitária, 1994.

AULA-ESPETÁCULO. Direção: Vladimir Carvalho. Brasília: Ministério da Cultura, 1997.

DITADURA MILITAR: Papel da Arte e da Cultura. Depoimentos de Ariano Suassuna, Mário Chamie, Sérgio Dias, Sérgio Rizzo e Sidney Ferreira Lima. Filme documentário desenvolvido para a disciplina de ESPBII da ESPM-SP. 54 Min. Disponível em: <<http://es.truveo.com>>. Acesso em: 29 Mar 2008.

FOLIA GERAL: Aula-Espectáculo. Direção: Luiz Fernando Carvalho. [Participação de Antonio Nóbrega, Mestre Salustiano, Grupo Grial de Dança e outros]. Rede Globo de Televisão, 2000.

MESA BRASILEIRA: Civilização do Couro. Série para televisão. Direção: Ricardo Miranda. Produção: Anders / Minc / TV Cultura e Arte / RTPi – Portugal / TV Cultura. 1996/2002. (Série de 10 documentários de 56min). Son., Color.

O AUTO DA COMPADECIDA. Direção: Guel Arraes. Roteiristas: Guel Arraes, Adriana Falcão, João Falcão, Ariano Suassuna. Produtora: Globo Filmes. Distribuidora: Columbia Pictures, 2000. (104 min). Son., Color.

O SENHOR DO CASTELO. Direção: Marcus Vilar. Produção: Durval Leal Filho. Argumento: Idelete Muzart, Durval Leal Filho, Marcus Vilar e Torquato Joel. Programação Visual: Jacqueline Lima, 2007. (70 minutos). Son., Color.

OS TRAPALHÕES NO AUTO DA COMPADECIDA. Direção: Roberto Farias. Adaptação: Ariano Suassuna e Roberto Farias. RA Produções e Produções Cinematográficas R.F. Farias Ltda, Embrafilme, 1987. (96 min). Son., Color.

SERTÃO MUNDO DE SUASSUNA. Direção: Douglas Machado. Produtoras: Gardênia Cury e Cássia Moura. Artista gráfico: Áureo Tupinambá Júnior. Trinca Filmes / Instituto Dom Barreto, 2003. (80min). Son., Color.

TEODORICO, IMPERADOR DO SERTÃO. Documentário. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil, 1978. (49 minutos). Son., Color.

UMA MULHER VESTIDA DE SOL. Direção: Luiz Fernando Carvalho. [Especial em 1 capítulo]. Rede Globo de Televisão, 1994.

ENCONTRO MARCADO COM A ARTE. N° 5. Brasília: MEC, Secretaria de Educação a Distância, 1996. 1 fita de vídeo (118 min, 17 s) - Ariano Suassuna (16 min, 46 s). Son., color. BBE. Realização, Work Vídeo, IBM. Programa TV Escola.

INTÉRPRETES DO BRASIL: VIVA O SERTÃO: Antônio Risério. TV Cultura e Arte. Ministério da Cultura, 2001. (19:52 min). Son., Color.

FRANCISCO BRENNAND: Demiurgo. Direção: Feli Coelho e Celso Giovanni. Ministério da Cultura. Trade Comunicação, 2004. (29 min.). Son., Color.

PERSONALIDADE: Ariano Suassuna. TV Câmara, 2006. Disponível em <<http://www.camara.gov.br/internet/TVcamara/default.asp?selecao=MAT&Materia=43969>> Acesso em: 29 de março de 2008.

PROGRAMA JÔ SOARES 11: 30 H. Sistema Brasileiro de Televisão, 1993. [Jô Soares].

PROGRAMA ESPAÇO ABERTO. Globo News, 1997. [Pedro Bial]

PROGRAMA DO JÔ. Rede Globo de Televisão, 2000. [Jô Soares].

PROGRAMA DO JÔ. Rede Globo de Televisão, 2007. [Jô Soares].

RODA VIVA: Ariano Suassuna. TV Cultura / Fundação Padre Anchieta, 2002. (85 min).

